

ISTO É
6/15/98 48249
109

ECOLOGIA

Uma moça que faz

A brasileira Sylvia Mitraud, ambientalista de várias causas, vira personalidade do século na revista *Time*

RACHEL MELLO E ANDRÉ DUSEK (FOTOS), DE ALTO PARAÍSO (GO)

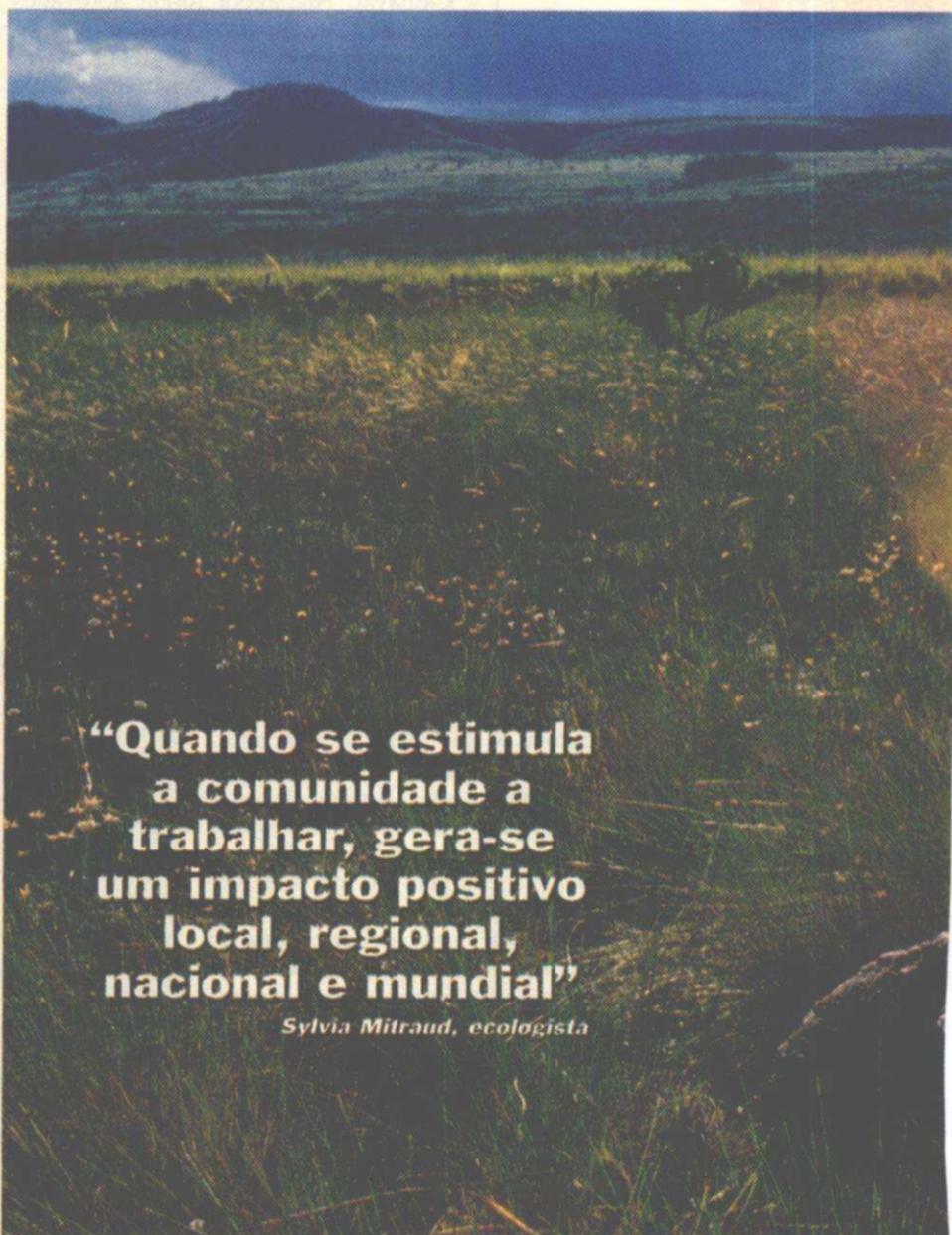
Ela encaixou-se perfeitamente no perfil do que os jornalistas americanos procuravam. É uma ambientalista nascida do lado de baixo do Equador, é mulher e mal passou dos 30 anos. Foi assim, representando as mudanças na luta ecológica no Brasil, que a jovem Sylvia Mitraud, 32 anos, foi parar nas páginas da revista *Time*. Em edição especial sobre 100 pessoas destacadas como líderes e revolucionários que marcaram o século XX, Sylvia acabou ao lado de um ruanense que luta pela sobrevivência das tribos na África, um egípcio que fala sobre o fundamentalismo e um chinês de Hong Kong, que analisa o processo de globalização. Longe de ser uma verde radical ou uma "ecochata" como ficaram conhecidos os ambientalistas mais xiitas, Sylvia é uma fumante inveterada e uma contumaz consumidora de café em pequenas xícaras de plástico. Preocupada em fazer do engajamento profissão, ela aposta na fórmula do desenvolvimento sustentável como a única saída viável para explorar o meio ambiente sem destruí-lo.

Coordenadora de projetos do Fundo Mundial para a Natureza, o WWF, Sylvia divide sua rotina entre o escritório em Brasília, onde mora, e infundáveis viagens. Em uma semana, ela pode estar supervisionando um projeto de ecoturismo com a participação de caboclos amazônicos na ilha de Silvis, nos confins do Estado do Amazonas. Dias depois, poderá ser encontrada no outro extremo do Brasil, na ilha paradisíaca de Fernando de Noronha, envolvida com os trabalhos de preservação das tartarugas marinhas. No intervalo entre uma viagem e outra, a ambientalista modelo da *Time* ainda tem tempo para coordenar em Alto Paraíso, Goiás, a 200 quilômetros da capital federal, um projeto de conservação, ecoturismo e extrativismo em pleno cerrado brasileiro. Sylvia, solteira e sem namorado, prefere falar mais sobre seus projetos do que sobre si mesma. "Não entendo por que fui eu a escolhida pela *Time*. Tem um monte de gente atuando há anos nessa área, homens e mulheres com bons, longos e reconhecidos trabalhos que já

deveriam estar na revista há muito tempo", diz. Sylvia talvez não tenha percebido que encarna as novas características das reivindicações do ambientalismo que vai entrar no século XXI. O movimento verde perdeu a aura de contracultura dos seus primórdios nos anos 60 e 70. Hoje, ele quer transformar as suas bandeiras em políticas públicas permanentes. Para conseguir esse objetivo, deixou também sua casca de heroísmo romântico de lado para

se profissionalizar. Em vez de usar fórmulas paternalistas para tentar impor uma consciência ecológica, o verde do próximo século prefere trabalhar dentro das comunidades, motivando seus integrantes a preservar o meio ambiente.

No Planalto Central, Sylvia Mitraud gerencia o Projeto Veadeiros, com orçamento de mais de US\$ 1,2 milhão, que pretende conservar e desenvolver uma área de cerca de 1,5 milhão de quilômetros quadrados. Antigo garimpo de cristal, Alto Paraíso viu, na década de 70, a belíssima região de exploração de minerais ser transformada em um parque nacional do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama). Do ponto de vista ecológico, a iniciativa teve muitos méritos. O lugar é privilegiado com suas inúmeras cachoeiras e belos caminhos entre a vegetação do cerrado. Mas, ao simplesmente acabar com os garimpos, a criação do parque acabou gerando fome e de-



"Quando se estimula a comunidade a trabalhar, gera-se um impacto positivo local, regional, nacional e mundial"

Sylvia Mitraud, ecologista

Isto é!
6/5/98 49 cont.
09

semprego. “A primeira sandália havaiana que calcei foi com 12 anos de idade. Lá em casa, a gente comia um dia feijão, o outro, feijão”, lembra Aristéia Avelino Nascimento, filha de um ex-garimpeiro, que hoje é dona de um restaurante. Com o fim da mineração, o turismo foi a única forma de sustento que os antigos habitantes encontraram para sobreviver.

Como coordenadora do projeto, Sylvia tem acompanhado as mudanças no dia-a-dia das pessoas com quem lida em Alto Paraíso. Desde que a WWF se instalou na região, há dois anos, os extrativistas tiveram sua rotina radicalmente mudada. Antes, vendiam as flores do cerrado, usadas em adornos decorativos, para atravessadores, sem nenhum benefício e por preços baixíssimos. Hoje, podem comercializar as flores em belos e trabalhados arranjos numa loja equipada com computadores de controle de vendas e estoque. “Uma centena de pessoas

trabalha conosco e temos feito descobertas incríveis, como as flores das águas do cerrado. Estamos aprimorando cada vez mais nosso modo de colher”, conta a Coordenadora da comissão de Extrativismo do projeto, Helen Rose Veneziani.

Sylvia é, literalmente, mestra em trabalhar com desenvolvimento comunitário. Depois de terminar seu curso de História, ela fez mestrado na área em uma universidade americana. Minuciosa e com uma enorme disposição para aprender, vira e mexe, ela vai ao campo com os coletadores e especialistas a fim de se familiarizar com os termos técnicos. “Sa-

bia muito pouco de biologia, de geologia. Eu gosto mesmo é das pessoas”, declara. Ela não deixa de atender aos pedidos de conversas com o pessoal de Alto Paraíso, que recebe sua visita de 45 em 45 dias. Natural de Belo Horizonte, Sylvia mudou-se para Brasília ainda criança, mas conserva até hoje uma certa mineirice. Sempre com um cigarro na mão, bate longos papos com seus colegas sobre o projeto, as pessoas do lugar, conta e ouve histórias. Com um cordão preto no pescoço, onde está pendurada uma pequena tartaruga prateada, a ecologista é de estilo despojado. Frequenta as reuniões com

os cabelos presos num coque meio atrapalhado, uma bermuda surrada e camiseta. Antes de o trabalho começar, ela faz questão de praticar seu esporte favorito: pedala sozinha mais de 20 quilômetros pela estrada.

A paixão pelo ciclismo faz seus olhos verdes brilharem quando fala da recente aprovação da lei de criação de uma estrada-parque, que vai ligar Alto Paraíso à cidade goiana de Niquelândia. Para

Sylvia, essa é uma das maiores conquistas do projeto que coordena. Em vez de uma estrada comum, a rodovia que corta a Chapada dos Veadeiros será uma “estrada verde”. Terá, obrigatoriamente, uma ciclovia. “As pessoas daqui é que têm o mérito por essa vitória. O que a gente faz é apenas dar caminhos”, explica. A via deve começar a ser construída no segundo semestre deste ano. Outro grande avanço do Veadeiros é a criação de reservas particulares de proteção. Na região, já são cinco reservas particulares, onde os donos se comprometem, por documentos registrados em cartórios, a utilizar suas propriedades apenas para ecoturismo e pesquisas científicas, protegendo nascentes, cachoeiras, nichos de animais. Daqui a dois anos, quando o Veadeiros termina, Sylvia pretende partir para tocar um ou mais dos tantos projetos que tem e seguir despertando nas pessoas um esquecido espírito comunitário. “A gente não pode ficar fazendo nada por muito tempo. Quando se estimula a comunidade a trabalhar, gera-se um impacto positivo local, regional, nacional e mundial”, receita. Se depender de gente como Sylvia e das gentes do Projeto Veadeiros, está terminado o tempo de não se fazer nada. ■

Sylvia, destaque na revista Time de abril: “Não entendo por que fui eu a escolhida”

